



**CASA A CÉU ABERTO, O INTERIOR NO EXTERIOR:  
CRIAÇÃO DE AMBIENTES PELA CONFIGURAÇÃO DE MOBILIÁRIOS E  
OBJETOS POR MEIO DO OLHAR DO MORADOR DE RUA**

FRANCIELE GONÇALVES DE MEDEIROS AQUINO

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS - CAMPUS MACEIÓ  
DIRETORIA DE ENSINO  
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR  
COORDENAÇÃO DE DESIGN  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN DE INTERIORES

FRANCIELE GONÇALVES DE MEDEIROS AQUINO

**CASA A CÉU ABERTO, O INTERIOR NO EXTERIOR: CRIAÇÃO DE  
AMBIENTES PELA CONFIGURAÇÃO DE MOBILIÁRIOS E OBJETOS POR MEIO  
DO OLHAR DO MORADOR DE RUA**

MACEIÓ- AL

2019

FRANCIELE GONÇALVES DE MEDEIROS AQUINO

**CASA A CÉU ABERTO, O INTERIOR NO EXTERIOR: CRIAÇÃO DE  
AMBIENTES PELA CONFIGURAÇÃO DE MOBILIÁRIOS E OBJETOS POR MEIO  
DO OLHAR DO MORADOR DE RUA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas- IFAL, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnóloga em Designer de Interiores, sob orientação da Profa. Ms. Taciana Santiago de Melo e co- orientação do Prof. Eduardo Henrique Omena Bastos.

MACEIÓ- AL

2019



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Alagoas**  
**Campus Maceió**  
**Biblioteca Benevides Monte**

---

A657c

Aquino, Franciele Gonçalves de Medeiros.

Casa a céu aberto, o interior no exterior : criação de ambientes pela configuração de mobiliários e objetos por meio do olhar do morador de rua / Franciele Gonçalves de Medeiros Aquino. – 2019.

61 f. : il.

1 CD-ROM: il. ; (1 arquivo : 2,75 megabytes).

Orientação: Prof. Ma. Taciana Santiago de Melo.

Coorientação: Prof. Eduardo Henrique Omena Bastos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design de Interiores) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Maceió*, Maceió, 2019.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa acrílica (12,5 cm x 14 cm).

Trabalho acadêmico editado em versão impressa e em meio digital.

1. Design de Interiores. 2. Mobiliário. 3. Moradia improvisada. 4. Objetos – Moradores de rua. I. Título.

CDD: 749

---

**Franciane Monick Gomes de França**  
**Bibliotecária**  
**CRB-4/1831**

FRANCIELE GONÇALVES DE MEDEIROS AQUINO

**CASA A CÉU ABERTO, O INTERIOR NO EXTERIOR: CRIAÇÃO DE  
AMBIENTES PELA CONFIGURAÇÃO DE MOBILIÁRIOS E OBJETOS POR MEIO  
DO OLHAR DO MORADOR DE RUA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas- IFAL, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnóloga em Designer de Interiores.

Maceió, 13 de Junho de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Ms. Taciana Santiago de Melo  
Orientadora / IFAL

---

Prof. Eduardo Henrique Omena Bastos  
Co-orientador / IFAL

---

Profa. Ms. Selma Bandeira  
Avaliador (a) Externo/ CESMAC

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é a forma mais sutil e generosa de dizer ao outro o quanto ele é importante para nós. Nesse longo percurso muitas pessoas chegaram e se foram, outras voltaram e também permaneceram. Ensinarão, dividiram saberes e experiências, tornando a vida mais fluida e melhor. A essas pessoas devo meu agradecimento.

Em primeiro momento gostaria de agradecer a força universal que me conduz, alinha e equilibra. Aos meus familiares, em especial a minha mãe Vera Lucia que me orientou e me orienta em todas as horas, por sua sabedoria constante e por ser uma mulher de força sobrenatural. A ela meu respeito, admiração e amor. A minha irmã Fernanda Graciela, que tanto faz por mim, que se mantém presente, que é amiga e que inúmeras vezes foi meu chão e minha base. Ao meu pai Fernando Antonio (in memoriam) que com sua generosidade e amor me ensinou a ver o lado positivo do mundo, que mesmo de longe está presente nos meus pensamentos por tudo que me trouxe de exemplo, dele parte a sensibilidade e a vontade de olhar o outro para olhar pra dentro de mim.

Aqui deixo meus agradecimentos a pessoas que foram força e incentivo que se fizeram presentes em momentos de dúvida e de desânimo. Raissa Holanda, por ser o equilíbrio entre os meus conflitos e indecisões, por me trazer tranquilidade acreditando nas minhas potencialidades. Por me auxiliar em revisões contínuas desse TCC e por passar horas do seu tempo instruindo, ensinando, fortalecendo e mostrando que tudo ocorreria bem desde que eu botasse amor no que eu estava fazendo. Ao Jô Saulo, pessoa pelo qual carrego uma enorme admiração, que deu os starts para o início do trabalho e me auxiliou na sua produção (melhor biblioteca não há). Grande incentivador que sempre me lembrava sobre minha natureza e o tempo de todas as coisas.

Aos meus amigos dos quais não conseguirei citar todos (Samila Bezerra, Crismilia Alves, João Victor Caldeira e Janielly Padilha) que constantemente entenderam minhas faltas, respeitaram minhas ausências e nunca deixaram de acreditar em mim.

Agradeço de todo coração a minha orientadora Taciana, que foi facilitadora nesse processo de elaboração, que me direcionou em todas as pesquisas e me passou confiança a todo o momento. Ao professor Eduardo Bastos por me inspirar

desde os primeiros contatos na sala de aula, por me instigar através das suas produções e por sua generosidade sem limites. A professora Selma Bandeira que sempre me envolveu com sua energia, sua motivação e viu capacidade onde antes só havia uma ideia que ainda não tinha sido lançada no papel.

Finalizo agradecendo a colaboração das pessoas que encontrei na rua, das idas e vindas para fechar uma ideia. Pelo contato, generosidade e acolhimento. A partir deles descobri histórias e experiências maravilhosas, pois se dispuseram a estar comigo de peito aberto durante o decorrer dessa pesquisa.

A todos meu muito obrigada!

## RESUMO

O presente trabalho busca explorar através de uma análise empírica as linguagens existentes entre pessoas, mobílias e objetos por meio de uma sensível discussão sobre o uso dos espaços. Novas formas estão sendo atribuídas ao entorno e constantemente a dinâmica entre pessoas e objetos tem modificado os cenários, transformando a forma de se olhar, interpretar e interagir com o ambiente. A rua, apresentada como cenário para esse estudo, suscita essas transformações e é a partir de seus usuários que espaços são reformulados constantemente trazendo novas considerações não somente da rua como passagem e conexão entre pontos de interesse, mas, da rua como significação de moradia. Pretende-se assim, por meio desse trabalho investigar o uso de mobílias e objetos utilizados pelos moradores de rua em espaços abertos na região de Maceió, com o objetivo de trazer novas reflexões sobre a casa e suas tipologias. Dessa forma, além do trabalho apresentar um eixo teórico fundamentado em conceituações, também é explorado um eixo prático por meio das trocas e vivências obtidas a partir de entrevistas realizadas pela autora e esses moradores de rua. Através das análises obtidas é lançado um olhar para a subjetividade existente nos cenários urbanos, partindo de novas construções de dimensionamento que foge dos modelos práticos vivenciados durante a formação acadêmica (métricos, metódicos) para um modelo de dimensões subjetivas que diferem das formas convencionais pois designa o abstrato, aqui trabalhando a natureza dos indivíduos por meio de parâmetros emocionais a partir do seu relacionamento com a “casa” e o entorno.

Palavras-chave: Morador de rua. Espaço habitado. Casa. Moradia improvisada. Mobiliário.



## **ABSTRACT**

The present work intends to discuss based on an empirical analysis the languages between people, furniture and objects through a sensitive discussion about the use of spaces. New forms are being attributed to the environment and the dynamics between people and objects constantly modify the scenarios transforming the way of see, interpret and interact with the environment. The street, presented as a scenario in this study, stimulates these transformations starting from its users whose spaces are constantly reformulated, bringing new meanings not only of the street as a passage and connection between points of interest, but the street as a meaning of living. The intention of this work is to pursue the use of furniture and objects used by homeless people in open spaces in Maceió, bringing new reflections about home and its typologies. This way, besides the presentation of a theoretical axis based on the construction of concepts, it also regards an axis of practice through exchange and experiences obtained from interviews made by the author with the homeless. Through the analysis obtained, a look at the existing subjectivity in urban settings is launched, starting from new constructions that are out of the practical models experienced during the academic formation (metrical, methodical), but it places emphasis on a model of subjective dimensions that differs from the conventional forms, because it designates the immaterial aspects, and the nature of individuals through tactics of emotional parameters from their relationship with the "house" and the environment.

Keywords: Homeless. Habitable space. House. Improvised housing. Furniture.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01- Mapa representativo dos pontos estratégicos onde estão localizados alguns dos moradores de rua na parte central da cidade de Maceió. Fonte: Google Maps, esquemas da autora, 2017.....	18
Figura 02- Mapa representativo dos pontos estratégicos onde estão localizados alguns dos moradores de rua na parte baixa da cidade de Maceió. Fonte: Google Maps, esquemas da autora, 2017.....	18
Figura 03- Mapa representativo da localização de onde estão situadas as famílias escolhidas para a pesquisa. Google Maps, esquemas da autora, 2017.....	19
Figura 04- Projeto de customização desenvolvida por alunos de engenharia em São Paulo. Fonte: Jornal Nacional, 2018.....	25
Figura 05- Composição do espaço utilizado pelos moradores de rua no bairro do Poço. Fonte: Autora, 2017.....	34
Figura 06- Mobiliário encontrado no espaço ocupado pelos moradores. Fonte: Autora, 2017.....	34
Figura 07- Rack e TV ligada a partir da energia captada do poste. Espaço para o descanso e entretenimentos dos moradores de rua. Fonte: Autora, 2017.....	35
Figura 08- Espelho encontrado no espaço ocupado pelo grupo 2 na Praça Gonçalves Ledo. Fonte: Autora, 2017.....	40
Figura 09- Setorização do espaço ocupado pelo grupo 1. Estratégias do uso do mobiliário no espaço. Fonte: Autora, 2019.....	43
Figura 10- Setorização do espaço ocupado pelo grupo 2. Estratégias do uso do mobiliário no espaço. Fonte: Autora, 2019.....	43

Figura 11- Rack utilizado para apoio de materiais e TV. Espaço ocupado pelo grupo 1. Estratégias do uso do mobiliário no espaço. Fonte: Autora, 2017.....	45
Figura 12- Trabalho realizado por um dos personagens do grupo 1. Elemento feito pelos próprios moradores. Fonte: Autora, 2017.....	45
Figura 13- Utilização de carrinho de compras para recolhimento de materiais recicláveis encontrados na rua. Fonte: Autora, 2017.....	46
Figura 14- Fogão improvisado pelos moradores do grupo 2 para preparo de suas refeições. Fonte: Autora, 2017.....	47
Figura 15- Espaço de descanso ocupado pelo grupo 2. Apropriação do banco da praça através da utilização de elementos estratégicos para composição da cama. Estratégias do uso do mobiliário no espaço. Fonte: Autora, 2017.....	47
Figura 16- Colchão utilizado pelos moradores do grupo 2. Estratégias do uso do mobiliário no espaço. Fonte: Autora, 2017.....	48
Figura 17- Colchão utilizado pelos moradores do grupo 2. Estratégias do uso do mobiliário no espaço. Fonte: Autora, 2017.....	48
Figura 18- Materiais de uso dos moradores do grupo 2. Área de alimentação e estoque de recursos. Fonte: Autora, 2017.....	49
Figura 19- Análise dos materiais dispostos no espaço ocupado pelo grupo 1. Fonte: Autora, 2017.....	51
Figura 20- Análise dos materiais dispostos no espaço ocupado pelo grupo 2. Fonte: Autora, 2017.....	52
Figura 21- Croqui representando elemento rítmico na composição de colchões e estruturas na parede. Espaço ocupado pelo grupo 1. Fonte: Autora, 2019.....	53

Figura 22- Croqui representando elemento rítmico na composição das portas. Espaço ocupado pelo grupo 1. Fonte: Autora, 2019.....	54
Figura 23- Croqui representando elemento rítmico na composição do guarda corpo. Espaço ocupado pelo grupo 2. Fonte: Autora, 2019.....	54
Figura 24- Croqui representando elemento rítmico na composição do guarda corpo. Espaço ocupado pelo grupo 2. Fonte: Autora, 2019.....	55
Figura 25- Croqui representando ausência de elemento contrastantes no espaço ocupado pelo grupo 2. Fonte: Autora, 2019.....	56

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	13
1.1 JUSTIFICATIVA .....	15
1.2 OBJETIVOS .....	16
1.2.1 GERAL .....	16
1.2.2 ESPECÍFICO .....	16
1.3 MÉTODOS DE PESQUISA .....	16
2. ANÁLISES SIMBÓLICAS (ENTRE ESPAÇOS, SÍGNOS E NOMENCLATURAS).....	22
2.1 TERRITORIALIZAR, DESTERRORIZAR E RETERRORIZAR.....	26
2.2 HABITAR, RESIDIR E MORAR .....	28
3. DESORGANIZAÇÃO ORGANIZADA .....	33
3.1 SEGMENTOS E ESPACIALIDADES SIMBÓLICAS (BARREIRAS INVIÍVEIS) ....	42
3.2 FRAGMENTOS VISUAIS- ABORDAGEM DO CONTÉUDO IMAGÉTICO NO ESPAÇO HABITADO.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	58

## 1. INTRODUÇÃO

No design, sobre um aspecto geral, é possível analisar a construção de interesses vinculados ao cotidiano, inerentes ao comportamento entre as pessoas e os lugares que estas se apropriam. A associação de elementos e a impermanência das coisas sob a ótica do mundo moderno constrói uma identidade própria acerca das pessoas, o lugar de extensão onde habitam e que por elas são estruturados.

A cidade e suas áreas de circulação, que antes eram identificadas como objetos estáticos e funcionais, são alterados por elementos semipermanentes e com espaços cada vez mais híbridos<sup>1</sup>, muitas vezes, correspondendo a um local aberto com significações particulares que podem ser vistas (entende-se a relação do campo visual de saber a existência) e não percebidas (dado o valor significativo e simbólico dentro dessa concepção).

Novos modelos de espaços estão sendo configurados, e nesse campo aberto de experiências e interações bilaterais<sup>2</sup> entre usuários, lugares são moldados conforme as necessidades, inquietações e desejos de um ou mais indivíduos, sendo possível assim, obter construções espaciais simbólicas que se apresentam de maneira espontânea. Logo, é possível encontrar soluções alternativas para a moradia através de novos arranjos e composições no modo de morar.

A ideia de uma arquitetura perceptível, com casas e espaços fechados, com dimensões pré-determinadas, se desconstrói através de espaços abertos e sem fatores limitantes. A rua, por exemplo, caracteriza a quebra dessas divisas, e amplia o questionamento sobre a composição de um lar, um abrigo, uma casa, afrontando assim as necessidades que são vivenciadas pelos moradores de rua através da ocupação das zonas urbanas.

Dessa forma, devemos procurar entender como os espaços em que estão situados esses moradores se misturam com as formas visíveis e as formas invisíveis dos lugares em que eles se encontram. Logo, partimos de uma construção subjetiva para a análise dessas extensões espaciais, que se apresentam de maneira simbólica e intuitiva gerando novos agrupamentos visuais que transcendem a geometria dos espaços habitados. Cabe aqui, ressaltar o mobiliário como elemento indispensável

---

<sup>1</sup> Híbrido: termo aqui utilizado para designar um espaço dinâmico, móvel que reflete mudanças.

<sup>2</sup> Interações bilaterais: aqui representado como uma relação direta entre as partes. Troca de relações consensuais.

nesse agrupamento simbólico pois, através dele é possível permear as questões que envolvem “o morar”.

Todavia, é possível ter o entendimento de que as mudanças que foram geradas no modo de morar partiram de um complexo contexto socioeconômico, antagônico a real necessidade das minorias. Partindo dessa análise, as experiências humanas, sejam elas, individuais ou coletivas são refletidas diariamente no meio permitindo que as vivências e inquietudes imprimam e caracterizem novos espaços.

Sendo assim, partimos do pressuposto de que o interior de uma casa não se constitui apenas de estruturas estáticas, entre quatro paredes, mas, pelo conjunto de signos que transformam um ambiente em um lar, através das pessoas que lá estão inseridas. A existência de uma identidade poética permite com que analisemos uma construção sensível do espaço para além do que podemos materializar. Para Teixeira (2011, p.19):

[...] assim se dá a relação entre o espaço interno e a sua arquitetura: esta é o envoltório composto de paredes, tetos, aberturas, estrutura, alicerces, etc. que define e delimita o vazio interno que chamamos de interior onde efetivamente ocorrem as ações humanas [...]. (TEIXEIRA, 2011, p.19).

Desse modo, percebe-se que a delimitação do espaço está sendo estruturada pela composição de um envoltório constituído por paredes e alicerces. No entanto, a perspectiva de um lar/território segundo, Ludmila Brandão (s/d, s/p):

[...] é exatamente o “estar em casa”, é bom lembrar que ele não existe como um absoluto nem tão pouco como propriedade de um espaço. Ao contrário, ele precisa ser reinstalado sistematicamente através da invocação dos afetos, dos fluxos e ações que, combinados, fazem emergir esse sentir-se em casa [...] (BRANDÃO, s/d, s/p).

É possível, através dessa contextualização, perceber que histórias, hábitos e objetos interagem e integram cada vez mais o pertencimento de um indivíduo a um determinado lugar. Assim, a utilização de todo e qualquer mobiliário apresenta uma discussão sobre as ações e o modo de vida revelando os signos<sup>3</sup> que a ele são concebidos.

Logo, não é possível analisar a casa apenas como uma construção sólida. O espaço emite inúmeras variantes, assim, não se limita ao concreto porque atinge o emocional, o abstrato, o imaterial e o subjetivo.

---

<sup>3</sup> Signos- representação de algo a que atribuímos valor, significado ou sentido.

A partir desta ideia, é possível explorar fragmentos que tornam expressivos o modo de morar. Móveis e objetos integram cada vez mais espaços abertos, e essa topofilia (elo afetivo entre a pessoa e o lugar) evidencia a estreita relação das afetividades e histórias que o homem vivencia através dos espaços que ocupa.

Para Ludmila Brandão (2008, p.18) “também somos produzidos pelo espaço”. Portanto, a disposição de arranjos através dos mobiliários vem sendo moldada não apenas conforme interesses, mas pela necessidade das pessoas se sentirem incluídas a um lugar, o qual não pode ser apenas referido pelo que se estabelece dentro e fora da moradia, vai muito além das questões práticas, reflete as questões simbólicas existentes, através de um objeto, no caso o mobiliário.

## **1.1 JUSTIFICATIVA**

Os cenários atuais da cidade vêm sofrendo mudanças notáveis. É expressivo o crescimento de novas composições de moradia diante dos novos paradigmas urbanos. A rua considerada um lugar público, faz parte desse panorama de transformações, corriqueiramente explicitada através de eixos de desenvolvimento socioeconômico. O morador de rua, agente atuante desse contexto, repensa, modifica e transforma os espaços de acordo com suas finalidades de uso- por meio de intervenção criativa- explorando através das mobílias e objetos, configurações de ambientes/espaços que se adequem as suas necessidades.

O interesse por este estudo surgiu mediante a inquietação de se entender o comportamento do mobiliário integrado a espaços abertos, utilizados pelos moradores de rua. Este questionamento motivou a investigação de como elementos e objetos podem traduzir as inquietudes, hábitos, modelos hierárquicos através da composição de mobiliário. A partir disso, foram desenvolvidas interrogativas para conduzir essa pesquisa e assim, estabelecer um estudo mais aprofundado em torno dos complexos familiares e as novas tipologias de moradia.

Partindo desse pensamento, esta pesquisa vem contribuir na investigação dos espaços habitados através da relação sígnica entre moradores de rua e o seu mobiliário, assumindo assim, o que podemos entender como moradia.

Partindo dessa premissa, surgiram os seguintes questionamentos: Como é possível encontrar significados de lar sem uma arquitetura perceptível através de um espaço aberto? Como quebrar essas divisas espaciais e desconstruir a ideia de que



uma casa deve ser necessariamente, formada por estruturas físicas, paredes e alicerces, mas, principalmente, como se apropriar do mobiliário para trazer dadas significações? Define-se casa segundo Ludmila Brandão (2012, p.64):

“Casa” não é apenas edificação, o conjunto arquitetônico, ainda que possa ser tomado como tal, até porque o que a define, em arquitetura, não é a configuração espacial, mas o seu uso. Grosso modo, a casa seria resultante de uma modalidade de uso de um espaço construído, ou seja, quando atendessem as funções previstas para operar como ‘uma casa’. (BRANDÃO, 2012, p.64).

Diante do exposto, a proposta deste trabalho é compreender as representações fundamentais do mobiliário para a composição de espaços abertos, a interação entre sujeitos e objetos e mais precisamente, analisar representações dos signos que envolvem a relação interior-exterior de uma casa.

## **1.2 OBJETIVOS**

### **1.2.1 GERAL**

- Analisar a criação de diagramações de moradia através da configuração do mobiliário utilizado pelo morador de rua.

### **1.2.2 ESPECÍFICO**

- Apontar a relação entre o morador de rua e o mobiliário que compõe o espaço em que se encontram.
- Identificar os signos que compõem os espaços de moradia utilizados pelos moradores de rua através do mobiliário.
- Entender as representações do mobiliário e o conceito de casa a céu aberto pela composição de um espaço interior através da visão do morador de rua.

## **1.3 MÉTODOS DE PESQUISA**

Para fundamentação deste trabalho, evidenciou-se um estudo de caso de cunho qualitativo, que visa analisar os interesses dos indivíduos pesquisados além de verificar os diversos olhares para o tema abordado na pesquisa.

Segundo Ludke e André (1986, p.11), “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento”. Logo, o

pesquisador é colocado diretamente em contato com o ambiente e a situação a ser investigada, participando dos processos, coletando o máximo de dados para a pesquisa.

Os indivíduos da pesquisa são moradores de rua que vivenciam em seu cotidiano experiências de um design espontâneo<sup>4</sup>. Partindo dessa premissa, foram analisadas famílias em diferentes regiões de Maceió para entender o comportamento do mobiliário quando inserido em um espaço aberto, sendo possível obter um tipo de moradia subjetiva através da análise de seus integrantes.

A essência de um estudo de caso, a principal tendência em todos os tipos de estudo de caso, é que ela tenta esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões: o motivo pelo qual foram tomadas, como foram implementadas e quais os resultados. (SCHRAMM apud Yin, 2001, p.31).

Compreende-se a partir do pensamento de Schramm que o estudo de caso visa retratar uma realidade de forma completa sobre o tema estudado. É possível então, através do ponto de observação do autor, analisar a visão dos moradores de rua e sua interação com os objetos pertencentes ao espaço em que vivem, a partir da apropriação do espaço por meio do mobiliário, tornando possível investigar um modelo conceitual de moradia a céu aberto.

Essa pesquisa foi desenvolvida na cidade de Maceió, com dois grupos de moradores em situação de rua que estavam situados no eixo central da cidade, escolhidos pelos critérios de melhor acesso, que apresentassem condições que os caracterizem como moradores de rua e que, fundamentalmente, possuíssem vínculo com objetos e mobiliários que designem a composição de sua moradia. Segundo o decreto estabelecido pelo Planalto de Lei nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua em seu Art. 1º atribui a população em situação de rua como:

Grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente [...].

Dado a construção dessas análises foi desenvolvido um estudo e um mapeamento em Maceió dos locais de moradia utilizados por alguns moradores de

---

<sup>4</sup> Definido aqui, como um tipo de prática intuitiva que surge a partir da necessidade de quem se apropria.

rua, na parte baixa da cidade, mais especificamente em seu eixo central (conforme figura 01 e 02).

Figura 01- Mapa representativo dos pontos estratégicos onde estão localizados alguns dos moradores de rua na parte central da cidade de Maceió entre os períodos de novembro de 2017 a fevereiro de 2018.



Fonte: Google Maps, esquemas da autora, 2017 atualizado.

Figura 02- Mapa representativo dos pontos estratégicos onde estão localizados alguns dos moradores de rua na parte baixa da cidade de Maceió entre os períodos de novembro de 2017 a fevereiro de 2018.



Fonte: Google Maps, esquemas da autora, 2017.



Foi possível estabelecer um diálogo entre os campos da sociologia, psicologia e antropologia, tendo um entendimento prático por intermédio da observação etnográfica, como se dá o modo de vida e os comportamentos humanos em sociedade. Com o envolvimento e aproximação dessas pessoas -moradores de rua- foi possível coletar relatos das experiências, hábitos e vínculos emocionais desses indivíduos, com os objetos contidos em seus espaços por meio de uma entrevista.

A estruturação da entrevista deu-se através de dois subtemas: o primeiro retrata o comportamento do morador de rua com o espaço em que habita. E o segundo subtema se refere ao modo como esses indivíduos lidam com os objetos ao seu entorno. Logo após, buscou-se entender o significado que envolvia os objetos integrados ao viés urbano para que pudesse ser compreendida a dialética entre os moradores de rua e os objetos e mobiliários por ele utilizados.

A entrevista foi realizada por meio de um questionário de 6 (seis) perguntas diretamente relacionadas com a composição dos espaços através dos mobiliários e objetos, estendendo-se através de uma conexão obtida por meio da sensação, pertencimento e apropriação de estruturas de composição espacial. Sendo elas:

- 1. O mobiliário possui algum tipo de valor simbólico para você?
- 2. Porque manter esse elemento (mobiliário e objetos) sem a relação do espaço físico?
- 3. Como conseguiu?
- 4. Já está há quanto tempo com esses elementos incorporados aos espaços que estão sendo ocupados por vocês?
- 5. Como se deu a escolha do espaço de apropriação?
- 6. O mobiliário presente traz algum sentimento de acolhimento para você, qual o seu pensamento quanto a isso?

Assim, essas perguntas possibilitaram uma visão mais ampla do contexto da pesquisa, inteirando a sensibilidade entre pesquisado e pesquisador tanto nas dimensões objetivas (análise de espaço, antagonismos socioculturais e econômicos, mecanismo de sobrevivência nas ruas e outros) quanto subjetivas (estudo da semiótica, simbologias, relações humanas, contexto urbano e vínculos afetivos).

Contudo, não se pode descartar a investigação do espaço de maneira mais ampla e entender as complexidades humanas sobre um aspecto empírico sem perder a referência de um processo histórico-cultural vivenciado por esses moradores.

Esse trabalho de conclusão de curso é composto por 2 seções que contam com a inclusão de subitens que auxiliarão na análise dessa pesquisa.

A primeira seção denomina-se “Análises simbólicas (entre, espaços, signos e nomenclaturas)”. Essa seção visa explicitar as distinções entre os termos como morar, residir e habitar, embasando assim, através de referências filosóficas, antropológicas e sociológicas o entendimento das relações de moradia na contemporaneidade. Além disso, nessa seção também é explorado o eixo simbólico do espaço em reflexo dos indivíduos que dele fazem parte.

A segunda seção recebe o nome de “Desorganização organizada”, nela será distribuída toda a pesquisa empírica baseada nas entrevistas realizadas com os moradores de rua. Assim, evidenciou-se a análise espacial obtida com os grupos selecionados na pesquisa bem como a realização de uma leitura espacial dos dois grupos. Nesse seguimento, foram divididos subitens que investigam as dimensionalidades existentes em espaços abertos a fim de entender como é dado o comportamento de mobílias e objetos através de espaços abertos.

## 2. ANÁLISES SIMBÓLICAS (ENTRE ESPAÇOS, SÍGNOS E NOMENCLATURAS)

Muitas são as nomenclaturas que designam os espaços habitados, sendo levadas, frequentemente, a um sentido geral sem que seja explorado o seu sentido semântico. Comumente, é possível analisar em várias bibliografias a abordagem de termos como morar, habitar e residir, porém, são utilizadas de maneira tão aproximada que dentro da linguística de palavras perde seu sentido específico. Por isso, devemos compreender de forma mais ampla o campo que permeia os signos, seus significados e significantes. Para Peirce (2010, p. 296):

Um signo tem, como tal, três referências: primeiro, é um signo para algum pensamento que o interpreta; segundo, é um signo de algum objeto ao qual, naquele pensamento, é equivalente; terceiro, é um signo em algum aspecto ou qualidade, que o põe em conexão com o seu objeto. (PEIRCE, 2010, p.269).

Percebe-se, portanto, que cada um dos pensamentos cria associações com os signos referidos de acordo com sua vivência e/ou necessidade. Em um primeiro momento é trazido a interpretação do que “se entende”, posteriormente o que “se iguala” e por último a ligação direta com o que “se é”.

Assim, pode-se tomar como análise todas as representações geradas pelos objetos que conectados aos seus usuários expressam comunicações sígnicas. Para tanto, é importante perceber que os signos são mutáveis e dinâmicos, assim, permitem variadas interpretações dentro de um amplo contexto rizomático<sup>6</sup>.

Um signo para Peirce (2015, p.46) é dado como “aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém”. Entende-se aqui o signo como uma produção de linguagem subjetiva que é capaz de conceber significados por meio de representações (representamen) geradas através do pensamento de um intérprete (indivíduo que interpreta cada objeto). Para Umberto Eco (1977, p. 226) toda cultura é vista como um sistema de signos, sendo não apenas simples instrumentos de reflexo das forças sociais, mas sim uma força social.

---

<sup>6</sup> Definição filosófica aplicada por Deleuze e Guattari em *Capitalismo e Esquizofrenia* (1995) que afirma que cada traço não remete necessariamente a um traço linguístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas. Entende-se rizoma aqui, por caminhos e acessos para a composição de um pensamento que se move sem que seja estático, mas mutável, dando espaço para outros devires.

Portanto, é perceptível a relação dos signos com a cultura sendo eles, utilizados pelos seres humanos para transportar significados através da integração dos espaços, manifestando características e identidades, exteriorizando gostos, afetos e reflexos culturais que transbordam os espaços ocupados.

Visto isso, é possível perceber a complexidade sugerida pelos espaços através dos seus signos e significações. Por isso Charles Peirce, considerado o grande nome da teoria da semiótica, define uma categoria triádica para essas interpretações sógnicas: de Primeiridade, de Secundidade e de Terceiridade.

A primeiridade traz aspectos puramente qualitativos e pré-reflexivos, aborda a primeira impressão, sentimento e sensação que recebemos das coisas. A secundidade parte da interpretação e reflexão a partir da correlação e similaridade com o que já é conhecido. E por fim a terceiridade que por coletivo foi determinado através de leis e convenções sociais.

Assim, é factível a compreensão de que sobre determinadas instâncias os signos podem apresentar variadas relações com seus objetos. Assim, pode-se dizer que o signo é composto por um significado e um significante.

O significado é o viés de como um objeto pode se apresentar de forma mais idêntica para os indivíduos, o significado seria algo enquadrado, mas numa instância de primeiridade. Refere-se a algo do mundo exterior e interior, da existência concreta ou imaginária, atual ou passada do signo. (LIRA, 2009, p.36).

Logo, o significado surge a partir de um sentido geral que é dado por indivíduos a partir da abordagem de características que reforcem um reconhecimento coletivo por parte de objetos. Ainda para a autora, as significações são sempre variáveis, de pessoa para pessoa; [...] algo mais complexo, mais individual.

Já os significantes, aqueles movidos pelos planos de expressão, segundo Saussure (2003, p. 80) pode ser entendido como:

A imagem acústica: “Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (empreinte) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos.” (SAUSSURE, 2003, p. 80).

É possível dizer que o significante é a parte perceptível do signo e o significado a parte inteligível. Assim, a partir dessa relação que o signo estabelece com o seu objeto é possível classificá-los em subcategorias, sendo elas: ícone, índice e símbolo. Essas divisões facilitam um entendimento mais claro sobre como se comportam os objetos através da perspectiva de cada observador. Cabe aqui alinhar esse



direcionamento para casa e os elementos que a compõe, tendo como objetivo explorar os signos nas instâncias pelas quais cada indivíduo se apropria.

É importante explorar essas subcategorias para que seja possível interpretar os objetos e conseqüentemente a dimensão subjetiva dos espaços. Dessa forma, pode-se definir ícone como signos que guardam uma relação de proximidade e semelhança com um objeto. Índice, como a experiência subjetiva adquirida pelos usuários que interpretam esses signos a partir de uma herança cultural, que vai indicar uma relação direta com seu produto. E símbolo, o elemento que surge a partir de ideias concebidas por convenção, leis, normas que são estabelecidas não mais pelo individual, mas por um entender coletivo. Para J.Teixeira (1983, p. 15):

A teoria linguística, cujo objeto de análise é a linguagem- que não deve ser entendida como simples sistema de sinalização, mas como matriz do comportamento e pensamento humanos- tem por objetivo a formulação de um modelo de descrição desse instrumento através do qual o homem enforma seus atos, vontades, sentimentos, emoções e projeto. (TEIXEIRA, 1983, p.15).

Aqui, partimos do pressuposto que a linguagem pode ser admitida como um dos elementos representativos da sociedade. Sendo possível esclarecer através da reflexão sígnica os valores embutidos na análise de cada indivíduo, desde as experiências já vivenciadas até os elementos culturais que aproximam cada vez mais as pessoas dos objetos. Assim, cada objeto pode representar valores e signos diferentes para cada interpretante.

Aqui se aplica um enfoque no estudo do mobiliário -com reforço desse instrumento simbólico- para as questões de moradia na contemporaneidade.

Os objetos apresentam-se de várias maneiras de acordo com a concepção de mundo de cada indivíduo, pode assim, ser determinante na configuração das novas tipologias de moradia. Cada objeto tem uma carga sígnica capaz de reforçar através de seus elementos variadas composições que são expressas através dos espaços.

Podemos assim dizer que o objeto pode identificar e designar variações simbólicas para um mesmo interpretante. A casa (aqui referida como eixo básico dessa pesquisa) apresenta-se como elemento simbólico, podendo este evidenciar outros apontamentos simbólicos para um mesmo interpretante. Utilizamos aqui o exemplo do termo abrigo. A palavra abrigo pode conotar outras variações simbólicas, ou seja, o abrigo pode ser representado simbolicamente por uma casa, uma marquise ou até mesmo uma cabana.

Assim, se adentrarmos ao campo subjetivo perceberemos que o conceito de casa pode extrapolar o seu sentido mais direto como “a casa estrutural” e se estabelecer através desse eixo simbólico apresentando-se como um lar.

Dessa maneira, as interpretações existentes para cada indivíduo são variantes, ou seja, o entendimento de uma casa pode ser diferente para cada observador.

Pode-se admitir sentido para tal, quando estabelecemos uma conexão mais ampla sob os eixos de moradia a partir dos espaços onde se estabelece esse “sentir-se em casa”. Tomamos como exemplo, os carroceiros que fazem dos carros de mão seu lar, através de plataformas que percorrem a cidade, nelas acima de estruturas móveis se encontram armações que emergem através do pertencimento e do elo estabelecido com a estrutura (figura 04).

Figura 04- Projeto de customização desenvolvida por alunos de engenharia em São Paulo.



Fonte: Jornal Nacional, 2018.

Acerca dos grupos de moradores de rua que se utiliza de marquises, barracos e estabelecem sua moradia através de uma ocupação territorial fomentada através de recursos encontrados nas ruas, retomaremos essa discussão na terceira seção.

É por esse viés inacabado e rizomático que defendemos a casa como elemento simbólico, que deriva de particularidades complexas que se reformulam à medida que entramos em contato com outras referências e significações. A casa se apresenta

para além das suas funcionalidades físicas e objetivas. Admite um contexto plural, que ultrapassa as fronteiras pragmáticas e subjetivas.

Portanto, a partir de um símbolo -definido como aquilo que por convenção ou por princípio de analogia formal nos sugere algo- podemos referenciar novas amplitudes simbólicas, e conseqüentemente novas significações de moradia.

## **2.1 TERRITORIALIZAR, DESTERRORIZAR E RETERRORIZAR**

Para entender a cidade e suas novas tramas é necessário repensar cada vez mais os espaços e suas configurações. Toda produção de significado é identificada a partir de agenciamentos que são determinados pelos desejos humanos. A casa, a rua, os espaços de convívio são alvos dessas representações, sendo constantemente modificados por seus usuários.

Para Elza Maria (2009, p. 29) “o desejo vem sempre agenciado. Dessa forma, o desejo mais do que qualquer outra força (política, econômica, social, etc.) cria territórios” [...]. Contudo devemos entender território aqui não sobre o olhar geográfico que imprime limites a um espaço, mas, tomaremos como princípio as ideias defendidas por Gilles Deleuze e Felix Guattari que revelam o território como “um plano expressivo da identidade humana onde é possível reafirmar espaços através de desejos, expressões que coexistem através da adaptabilidade dos mesmos.” Assim, o território é considerado um agenciamento<sup>7</sup> e um agenciamento excede o espaço geográfico.

Ainda para Deleuze e Guattari o território pode ser relativo tanto a um espaço expressivo, quanto a um sistema de subjetivação, através de um conjunto de representações que manifestam ações, comportamentos sejam eles: cognitivos, estéticos culturais ou sociais. Assim, é possível emitir desejos através dos espaços, muitas vezes tendo como apropriação objetos e móveis presentes em áreas interiores e exteriores- podendo assim, territorializar, desterritorializar e reterritorializar lugares.

---

<sup>7</sup> O agenciamento é antes de tudo um ACONTECIMENTO multidimensional. Todo agenciamento incide sobre uma dupla dimensão: 1) uma dimensão relativa às modificações corporais (ações e paixões) ou estados de coisas que efetuam um acontecimento, remetendo-os a uma formação de potências; 2) uma outra dimensão relativa às transformações incorporais ou enunciados de linguagem (atos) que efetuam o acontecimento na sua face incorporal e que remetem a um regime coletivo de enunciação. (FUGANTI, 2016).

Entende-se nesse processo que não existe territorialização sem desterritorialização, pois eles se apresentam com componentes do território. Assim, território para Elza M. R. Lira (2009, p.30) pode ser explicado como:

O produto “agenciado” de um determinado movimento, movido pelos planos de conteúdo (ações e paixões, agenciamentos maquínicos de corpos) e de expressões (regime de signos, sistema semiótico). É como uma extensão do organismo marcada por signos visuais, vocais e olfativos; um espaço reivindicado e defendido [...]. (LIRA, 2009, p.30).

Territorializar é, sobretudo, trazer ao espaço características, identidades, expressões e desejos, assim, pode-se entender que a moradia também tem esse caráter de território que está sujeito a mudanças, tendo em vista o seu aspecto dinâmico. No entanto, as rupturas existentes no território sejam elas, parciais ou totais geram novas configurações, é o que chamamos aqui de desterritorializar. Como afirmado por Deleuze e Guatarri (1997, p. 224) a desterritorialização: “é o movimento pelo qual se abandona o território”. É a operação da linha de fuga.

É possível construir análises em torno da moradia a partir da relação espacial de territorialização. Objetos e móveis assumem uma importante ocupação nesse cenário e a casa acaba por receber o impacto e influência desse novo objeto, desterritorializando-se. Entende-se que através do espaço o ser humano define sua identidade, assim, é possível estabelecer relações constantes com o território, porém ainda que se territorialize, habitualmente desterritorializamos espaços (a partir de um afastamento dos respectivos locais de afirmação material, imaterial, simbólica) para reterritorializar. Segundo Haesbaert (2006, p. 67):

A reterritorialização consiste no processo de readaptação com novas ressignificações e redimensionamento dos objetos, coisas e comportamentos, traz consigo novas formas, novas identidades, novas configurações [...]. (HAESBAERT, 2006, p. 67).

Portanto, é possível perceber que os indivíduos qualificam sua moradia enquanto espaço para chamar de “seu”, entende-se nesse contexto, que o espaço está em um constante processo e o indivíduo faz parte dessas transformações, pelo desejo de fortalecer seu pertencimento com o espaço e reafirmar o “sentir-se em casa”.

## 2.2 HABITAR, RESIDIR E MORAR

Habitar,' segundo o dicionário Michaelis vem do latim "habitare" que significa morar, residir. Sendo assim, por alcançar sentidos e significados tão próximos é utilizado muitas vezes sem distinção. Porém, cabe analisar que ao entrarmos no campo do universo subjetivo devemos abrir espaço para a compreensão semântica dessas palavras, partindo do princípio, que os espaços são moldados através do comportamento humano.

Para Canter (1988, apud LIRA, Elza M. R. 2009, p. 57), os espaços "representam a subjetividade humana", assim, cada local é único e particular, retrata a personalidade e características dos indivíduos através dos comportamentos que a este estão sendo postos. Logo, é possível observar a moradia através de uma extensão representativa simbólica, sendo um dos lugares mais emblemáticos da natureza humana.

Todavia, para trabalharmos com essas interpretações devemos admitir a distinção dos seus significados. Essas três palavras representam dentro de um amplo contexto questões inerentes à casa e à moradia que, sob o olhar de investigação, também pode nos apresentar diferentes significações. Cabe aqui então, tratarmos desses conceitos, pois é através deles que iremos embasar essa pesquisa.

Desenvolvemos durante os processos que resultam a formação das ideias, com base nos nossos reflexos socioculturais a concepção de associar o habitar a um lugar, uma moradia, isto é, uma construção onde realizamos as nossas atividades diárias. No entanto, devemos entender habitar, como algo inerente a cada indivíduo, não condicionando a ideia de que, necessariamente, seja uma residência.

Para Saldanha e Klautau (2016, p. 149) "O habitar abrange, na verdade, todas as formas pelas quais o homem constrói o mundo onde vive". Assim, habitar algo, ou algum lugar demonstra os vínculos que estabelecemos com o espaço, a ponto de nos reconhecermos nele. Logo, habitar vai muito além do sentido usual de convívio, hábito, cotidiano, mas, de uma simbiose determinante para a experimentação dos lugares que se habita. Para Heidegger (2002, p.125).

O habitar não se limita a uma habitação, no sentido de uma casa ou de um abrigo, mas estende-se na medida em que o espaço construído é palco para a vida. Habitamos a casa, a rua, o bairro, a cidade, habitamos também os espaços que surgem das relações que estabelecemos com os outros, habitamos nossos pensamentos e sentimentos, medos e aspirações. Habitar é a nossa forma de estar no mundo e a partir desta forma construímos a

realidade que nos circunda. Deste modo poderíamos afirmar que a finalidade de todo construir é habitar. (HEIDEGGER, 2002, p.125).

Dessa forma, segundo o pensamento de Heidegger é possível construir através das vivências, proposições que imprimam a ideia de mundo e de fazer parte dele. Habitar é introduzir no espaço experimentações e realidades que são inerentes a particularidade de cada indivíduo. Assim, para entendermos as complexidades que envolvem a casa, cabe analisarmos sob o plano terminológico, a concepção de outras definições, como residir e morar.

Na palavra residir é possível perceber que não se é estabelecido uma relação mais intrínseca entre a casa e o indivíduo que dela se apropria. Residir, segundo o dicionário Michaelis, tem sua etimologia no latim “residere” que significa “estabelecer ou ter moradia em”, assim, percebe-se que essa configuração resulta em um tipo de local pré-definido através de um endereço, uma quadra, uma rua, um lote ou até mesmo um número, ou seja, estar estabelecido em algo. Assim, a semântica dessa palavra constitui-se de forma imparcial e não determina um grau de aproximação do sujeito, portanto, não se constrói um vínculo afetivo com a estrutura.

Diferentemente de residir, morar retrata diagramações mais complexas pois, ao tomar partido da ausência estrutural defendemos a ideia de que não precisamos, necessariamente, morar no que se constrói. Assim, o morar abrange o “se sentir em casa” traz consigo o vínculo que estabelecemos com os espaços.

Todos esses agrupamentos trazem reflexos sobre o que se entende como casa, a partir de uma linguagem que não é projetual e sim, simbólica. A casa deve ser entendida aqui além do seu sentido literal, pois o significante filosófico traz a necessidade de uma compreensão mais ampla e humanitária, que ultrapasse as quatro paredes construídas. É possível, portanto, verificar a formação de novas tessituras urbanas que concebem aos espaços dimensões simbólicas, a casa é o exemplo dessas construções, pois se configura como elemento fundamental da vida humana.

Cabe ressaltar, que ao colocarmos a casa como um objeto material tangível não podemos considerar como um sentido absoluto, pois esta apresenta uma amplitude de significações intangíveis, que mudam consideravelmente à medida que novas diagramações são explicitadas.

A casa, definida desde os primeiros tempos como: cabana, choupana, tugúrio, indicava os novos modelos de habitações apresentadas pela humanidade. Hoje,

assume-se através de novas tipologias, admitindo assim, uma nova reflexão sobre o ser humano através da extensão dos lugares em que se apropriam.

Para Barros (2008, p.15) através do pensamento Hundertwasser a casa é considerada a “terceira pele”. Assim, podemos correlacioná-la através de uma sensível junção entre pessoas e espaços, admitindo assim, experiências dinâmicas onde o meio e o indivíduo estão sendo igualmente influenciados. Logo, quando atribuímos novas determinações para os lugares habitados e consideramos através dessas proposições uma tipologia adaptada, sobretudo para pessoas e seu modo de vida, percebemos então a construção de experiências individuais mais fluidas que interferem diretamente no modo de se estabelecer em um determinado ambiente e/ou círculo de convívio social.

Além da conformação dos aspectos físicos que dão significado à casa por intermédio dos elementos estruturais que a esta estão sendo agregados, encontram-se ambiências que partem do imaterial, do imagético e do sensorial. O espaço não é produzido apenas por estruturas materiais, mas de todo um campo de significações de dimensões subjetivas que envolvem indivíduos e os objetos dos quais ele se apropria. Assim, a casa não se resume ao seu aspecto material, à combinação de piso, parede teto e superfícies visíveis, devemos entender a casa como elemento plural.

Assim, é possível analisar constituições de moradia intangíveis, que desconstróem conceitos tidos como verdade única dentro da sociedade mediante a uma nova impressão tecida nas paisagens das cidades.

Se o modernismo se preocupava com o novo, tentando-se captar sua essência, o pós-modernismo busca as rupturas. Nesse contexto pós-moderno, podem ser observadas essas mudanças, que são de toda ordem e estão em todos os lugares. Mas, como não é possível tratar delas de modo tão amplo, pode-se tomar como objeto de análise aquilo que se chama de micro célula da sociedade, a família. (PACHECO, TRISOTTO, 2006 apud SILVEIRA, JUNIOR, 2011, p. 27).

Como é tratado por Pacheco, as mudanças ocorridas nos cenários da cidade são recorrentes, e devem ser analisadas pelo contexto social, o advento de novos arquétipos familiares, como também, pela conjuntura econômica a qual está inserida que desempenha um papel fundamental no quadro da economia global.

Nessa abordagem, muitos elementos servem de motivação e ampliam o olhar às incorporações e diagramações da casa, mas principalmente, na relação das pessoas com os ambientes no qual estão inseridas. Para Silveira e Junior (2011, p.28):

Quando a família, estrutura sobre a qual se alicerçaram os grupos sociais, sofre grande transformação, o seu lócus – a casa – também muda, e não só de formato ou estrutura, mas de status. (SILVEIRA, JUNIOR, 2011 p. 28).

A moradia é um importante elemento de relação afetiva que o indivíduo tem com o seu entorno. Nela se desenvolvem atividades, se opera desejos e se compõem vontades. Pode-se afirmar que a partir desse princípio, a moradia compreende o vínculo sujeito – espaço, através das necessidades encontradas (físicas, psicológicas, biológicas, entre outros), bem como do espaço – sujeito, à medida que são moldados comportamentos humanos, através dos hábitos incrementados no dia-a-dia dos personagens que fazem parte desses cenários. De acordo com Moreira e Hespanhol (2007, p.4):

Para Tuan (1983) o lugar é marcado por três palavras-chave: percepção, experiência e valores. Os lugares guardam e são núcleos de valor, por isso eles podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias (insider) e relações externas (outsider). (MOREIRA; HESPANHOL, 2007, p. 4).

É imprescindível pontuar o vínculo presente entre o indivíduo e o espaço que é tecido por ele, as vivências, vontades, inquietudes das quais ele faz parte. Cada espaço gera em quem o apropria a sensação de pertencimento, muitas vezes associados a alguns elementos que surgem para aprimorar e caracterizar esses espaços, que são dinâmicos e encontra-se em transformação. Segundo Barros (2012, s/p):

Os indivíduos relacionam-se com suas habitações, construindo diferentes hábitos de morar, reflexos de como vivem. Como palco das diferentes manifestações da vida humana com toda sua diversidade social, cultural e econômica, a arquitetura passa a produzir sensações e significados, assumindo também uma dimensão simbólica, como resultado de um sentimento de pertencimento do indivíduo com seu lugar de moradia. Nesse sentido, o espaço arquitetônico se faz presente como abrigo de experiências e dos hábitos inerentes às diversas formas de morar. (BARROS, 2012, s/p).

Dessa forma, um novo olhar está sendo lançado aos novos complexos familiares que, não obstante, se abre a realidades múltiplas- à medida que o enfoque não está sendo direcionado somente ao lar- mas, à individualidade do sujeito que participa físico e emocionalmente das situações que por ele são vivenciadas.

Os espaços, de forma geral, pressupõem comunicação. Através dele é possível retratar significados e trazer significações simbólicas que são apresentadas à medida



que o indivíduo mantém um contato efetivo com os lugares que pertencem. Nesse contexto, a casa, aparenta ser o local mais suscetível para essa troca de afetividades e a construção de modelagens sógnicas, pois os hábitos e comportamentos estabelecidos estão em concordância com o modo de morar.

### 3. DESORGANIZAÇÃO ORGANIZADA

É possível através do mobiliário delinear espaços pois como retrata Porangaba e Toledo (2010, p.4): “cada mobiliário nos comunica algo” Assim, o mobiliário vem ser o elo entre pessoas e ambientes. Logo, as relações são intensificadas construindo significações peculiares que o mobiliário pode vir a oferecer. Todas as formas de comunicação são válidas, assim, uma casa expressa muito mais significados do que é possível imaginar. Por isso, a constituição dos espaços ultrapassa os limites tangíveis, não podendo ser dimensionado, mensurado, estipulado, mas sim, ampliado.

Quando nos referimos aqui acerca desta contextualização, temos como objetivo demonstrar as conexões existentes entre as pessoas e os objetos, conexões estas, que emergem significados e induzem a pesquisa a novos conceitos voltados à moradia. Começaremos a partir daqui a delinear os cenários da pesquisa, bem como os resultados que foram obtidos através das entrevistas desenvolvidas junto aos moradores de rua.

Trataremos aqui esses moradores por personagens que serão identificados agora como personagem A, personagem B e assim por diante, bem como por grupos aqui considerado grupo 1- grupo localizado na Avenida Comendador Leão no bairro do Poço- e grupo 2 localizado na Praça Gonçalves Ledo, Farol. Essa diagramação foi necessária a fim de preservar a identidade dos entrevistados.

“Tire a sandália para entrar na minha casa” essa foi a abordagem utilizada por um dos moradores do grupo 1, referindo-se a uns colchões enfileirados no chão. O primeiro contato gerou estranheza, visto que para surpresa o local apresentava uma composição espacial rica em signos e vertentes subjetivas - um local em potencial- com alguns colchões enfileirados, um rack com TV (ligada sob a energia captada de um poste) e um sofá, abaixo de uma marquise. Um local aberto, sem barreiras estruturais predominantes (figura 05, 06 e 07).

Figura 05- Composição do espaço utilizado pelos moradores de rua no bairro do Poço.



Fonte: Autora, 2017.

Figura 06- Mobiliário encontrado no espaço ocupado pelos moradores de rua.



Fonte: Autora, 2017.

Figura 07- Rack e TV ligada a partir da energia captada do poste. Espaço para o descanso e entretenimentos dos moradores de rua.



**Fonte:** Autora, 2017.

Foi possível perceber que o “entrar em casa” estava ligado a um território construído mediante as possibilidades e intervenções criadas pelos próprios moradores. À primeira vista parecia apenas um amontoado de objetos e mobílias, uma “bagunça” que aos poucos, com um novo olhar sugeriria uma extrema organização não intencionada, uma verdadeira “desorganização organizada”.

Foi possível nesse contato, verificar o primeiro eixo de abordagem dessa pesquisa, o mobiliário. Essa investigação possibilitou uma análise funcional, além de uma abordagem subjetiva que justifica a apropriação de mobiliários e objetos em espaços abertos. Para Botton (2007, p. 107):

O lar é reconhecido pela subjetividade do ser, por sua identidade, sendo assim o móvel tem sua importância na promoção do conforto e da identidade do lugar. (BOTTON, 2007, p. 107).

Esses apontamentos envolveram toda a pesquisa empírica trazendo um aspecto valorável ao uso dos espaços, a apropriação de pessoas e a aplicação de elementos que conduzem o ser humano a identificar e se reconhecer através dos mobiliários e de suas representações sócio-culturais de moradia.

Nesse âmbito, tanto o usuário quanto o mobiliário mantêm uma relação que se acentua à medida que é concebida uma apropriação espacial, que permite que o

indivíduo pertença, crie vínculos, afetos e muitas vezes se reconheça no espaço, não somente pelo que o mobiliário é (função), mas pelo que representa (subjetividade).

Assim, o móvel passou a transitar de aspectos puramente funcionais para alcançar nível afetivo, nostálgico, ampliando as experiências táteis, sensoriais e psicológicas entre eles. Isso reflete muito mais do que o uso do mobiliário enquanto funcionalidade, tendo em vista os aspectos ergonômicos e táteis, mas, sobre uma série de fatores que tornam o mobiliário uma carga expressiva capaz de fazer revisitar anseios, lembranças, desejos e vontades.

É possível analisar que constantemente nos relacionamos com o entorno através de diferentes estímulos sensoriais, esses mecanismos gerados pela mente humana, criam representações do mundo através de imagens percebidas por cada indivíduo.

Numa casa, por exemplo, cada mobília vem sugerir uma comunicação. O sofá nos convida ao descanso, relaxamento; uma cama propõe o repouso, um rack insinua o apoio e resguardo de objetos, porém, esses elementos acabam sofrendo mudanças sígnicas, uma vez que variam para cada interpretante. Assim uma cama pode ser dada através de peças de papelão, uma mesa de centro pode ser representada por fragmentos de garrafão e assim por diante.

No decorrer dessa pesquisa foi possível observar que cada indivíduo constrói e qualifica os espaços, estabelecendo um vínculo com os elementos por meio das experiências vivenciadas e concebidas por eles. Muito mais do que um ponto de apoio os objetos apresentam-se como uma ponte que direciona esses indivíduos, quase que geralmente excluídos dos cenários sociais, a pertencer e sentir-se incluídos a um local.

Assim, iniciamos as entrevistas com o questionamento primeiro sobre o espaço, entendendo-o aqui como estrutura fundamental de um contexto que pode ser ressignificado através de seus elementos;

Dessa maneira, quando perguntado ao grupo 1 sobre os vínculos existentes entre eles e o espaço, eles afirmam:

Temos esse espaço como nossa casa. É aqui onde dormimos, trabalhamos, comemos, nos protegemos da chuva e de muitas pessoas que não entendem nossa situação. Independente do que nos trouxe para a rua, compartilhamos aqui um lugar que é nosso, pelo menos que defendemos e cuidamos como se fosse nosso. (Personagem B, grupo 1)

Ainda para eles, dado a relevância do contexto social que se ocupa de um cenário agressivo e ainda de muita desigualdade, as pessoas não compreendem ou dão relevância para esses espaços, principalmente quando percebem algum tipo de ocupação realizada pelos moradores de rua. E completam:

Às vezes chegamos a um local, ocupamos ele e muita gente se incomoda. Elas, as pessoas, podem não perceber, mas, o que temos aqui muitas vezes é tudo o que temos, e ainda assim compartilhamos uns com os outros. (Personagem A, grupo 1)

É possível perceber dentro do diálogo a relevância que é dada ao espaço. Daqui partimos para uma leitura do eixo físico onde a busca por um local é sugerida a partir da necessidade dos moradores de se protegerem de agentes externos do ambiente. Percebe-se nesse contexto, uma segmentação dos espaços que independe do uso de paredes, trazendo ao espaço o caráter dos seus indivíduos.

Logo, o espaço habitado por esses moradores de rua foge das lógicas preestabelecidas das quais estamos ligeiramente acostumados. Embora seja um espaço que deriva das necessidades de “se estabelecer”, pressupõe sobretudo uma linguagem visual rica a partir do uso dos objetos e móveis que aos ambientes são incorporados.

Por meio de um diálogo receptivo foi possível encontrar canais de aberturas para entender as problemáticas que envolvem o cotidiano desses moradores. Para isso, foi importante considerar os fluxos, a mobilidade, a flexibilidade existente na rua para sair de aspectos puramente formais e adentrar em um campo que é reformulado, reinventado e ressignificado diariamente.

Assim, entendendo a realidade presente através desses recortes, foi verificado que o espaço apresentava um tipo de movimento temporal, sendo modificado por seus usuários constantemente. Logo, o interesse por entender mais sobre o funcionamento e a escolha do local fez com que fossem direcionados novos apontamentos à entrevista. Quando perguntados aos dois grupos sobre o tempo de permanência e a escolha desses espaços eles afirmam:

Olha, pode variar pois quando a gente encontra um local tem que ver se tem outros grupos que já estavam lá, tem toda uma questão de segurança também pra tentar evitar esses confrontos, tem que ser um local que proteja do sol, da chuva. (Personagem B, grupo 2)

Completam em outro momento:

Quando chove é correria, principalmente porque tem um monte de coisa que a gente trás pra cá então a gente tem que correr pra botar lona em cima de tudo porque se não a gente perde tudo que a gente tem, já estamos há 5 meses aqui, pelo menos uma boa parte de nós. (Personagem C, grupo 2)

Já para o grupo 1:

Quando chegamos aqui a loja já estava fechada, aí ficamos aqui pra se proteger da chuva. O grupo era pequeno, mas foi crescendo, hoje a gente já se considera tudo família. O dono daqui tá querendo alugar, então pode ser que a gente saia tudo daqui. A gente ficava em outro local antes, mas aqui parece melhor. (Personagem A, grupo 1)

Aqui, não cabe considerar a lógica espacial em seu contexto primeiro, visto que a realidade encontrada é efêmera. Se aplica, no entanto, a análise das ações a partir da curiosidade, do esforço de (des)construir cenários desprendendo-se do antigo olhar para entender o espaço como expressividade- a partir de diferentes extensões transitórias e imateriais- encontrada por meio dos seus personagens.

Dado esse contexto, foi necessário se apropriar da ida ao local, de maneira continuada para construção dessas análises. Ao passo que o espaço estava se formatando foi possível observar a movimentação de pessoas- novas e velhas caras- que contribuíram para que o espaço aberto na rua fosse ganhando novas linhas e formas.

Ao longo dessa seção será possível considerar o envolvimento de pessoas que embora não estejam nomeadas aqui (dado a preservação de suas identidades) auxiliaram em todo o encorpo do texto através da divisão dos saberes, gestos, histórias e hábitos. Nelas encontrou-se o trajeto de contorno da pesquisa sendo possível considerar através disso, os eixos de discussão dos espaços a partir dos seus movimentos de impermanência.

Os conceitos desenvolvidos foram traçados a partir da análise e integração da autora junto com os envolvidos, e do indivíduo – morador de rua- com o espaço. Um dos aspectos mais significativos para essa análise foi verificar a atribuição de mobílias e objetos nos locais de uso que trouxeram à tona a curiosidade e o desejo- por parte da observadora - de conhecer os personagens que dão significado a esses espaços. A carência de recursos não limitou a composição espacial, ampliando as experiências, a criatividade e o manuseio de objetos e elementos por parte dos moradores através da intervenção dos espaços, muitas vezes com recursos encontrados na rua como referenciado por um dos entrevistados do grupo 2.

A maioria dos objetos e móveis que encontramos e gostamos a gente traz pra cá. Cada um de nós carrega algo que é de maior necessidade, um material que pra gente é importante. Na rua mesmo a gente encontra, em ferro velho, tem coisas também que são frutos de doação e assim a gente vai juntando e vendo o que é importante pra cada um. (Personagem B, grupo 2)

Foi questionada então a importância desses objetos e mobílias no espaço a fim de sensibilizar o olhar para um melhor posicionamento diante das interpretações que eram mediadas por esses dois grupos.

Eu gosto desse sofá, desses móveis eles dão a sensação que temos um espaço, uma casa independente de estar na rua ou não. Pode não parecer, mas esses móveis que você está vendo têm um valor enorme pra gente, pode não ser nada para alguém, mas pra gente é. Pra onde a gente vai a gente leva, dá sempre um jeito. A rua não é o ambiente mais favorável sabe, mas é o que temos no momento e ter nossas coisas faz a gente estar mais presente aqui. (Personagem A, grupo 1)

Assim, o mobiliário entra como elemento chave na articulação que envolve as impressões de identidades atribuídas ao espaço. Dessa forma, é possível perceber que não é explorado apenas o fator físico, mas o viés subjetivo que referencia novos espaços através da autenticidade humana.

Os móveis e utensílios quando se comunicam, eles também o fazem usando citações, ou seja, despertando desejos, lembranças, recordações. Referem-se ao contexto nos quais vimos e vivenciamos seus equivalentes ou modelos (BOTTON, 2007, p. 94).

Portanto, o mobiliário faz parte de um reflexo das ações humanas a partir de uma estreita conexão entre o meio e as pessoas através de memórias identitárias como defendido por Botton, para ele:

Nosso amor pelo lar é, por sua vez, um reconhecimento do quanto a nossa identidade não é autodeterminada. Precisamos de um lar no sentido psicológico tanto quanto no físico: para compensar uma vulnerabilidade. Precisamos de um refúgio para proteger nossos estados mentais, porque o mundo em grande parte se opõe às nossas convicções. Precisamos que nossos quartos nos alinhem com versões desejáveis de nós mesmos e mantenham vivos os nossos aspectos importantes e evanescentes. (BOTTON, 2007, p. 107).

A casa tem por finalidade suprir um conjunto de necessidades básicas do ser humano, não à toa possibilita comunicações sígnicas de diferentes ordens a fim de reconectar seus usuários.

A análise do local a partir da construção das vivências desses moradores deu espaço a uma entrevista ainda mais instigante, com o intuito de buscar dar voz a esses



personagens que se deparam constantemente com os cenários de insegurança evidenciados na rua, mas que, sobretudo carregam sonhos e desejos, que são impressos mesmo que de forma inconsciente, no espaço.

Para perceber as demandas do cotidiano desses moradores é necessário entender novas espacialidades, distinguindo os novos cursos que o ambiente pode vir a apresentar. Não se trata de qualquer espaço, é um espaço que contempla as individualidades dos sujeitos que estão ali presentes, um espaço de extensão humana.

Os locais apresentados no decorrer da pesquisa auxiliaram no entendimento de áreas e localidades que se misturam com a vida entre o público e o privado. Calçadas, acessos de loja, praças e estacionamentos refletem uma nova realidade vivenciada dentro do cotidiano de pessoas que por inúmeras situações vão parar nas ruas. A partir desses reflexos trazidos buscou-se analisar as reproduções sógnicas emanadas por objetos e mobílias pelos olhos desses moradores de rua.

Quando iniciamos uma análise no espaço ocupado pelo grupo 2, um elemento que fazia parte desse cenário chamou bastante atenção (Figura 8).

Figura 08- Espelho encontrado no espaço ocupado pelo grupo 2 na Praça Gonçalves Ledo.



Buscando entender o uso desse elemento foi questionado ao grupo 2 a escolha do objeto como unidade capaz de compor o espaço. Aqui não compete trazer construções históricas da sua produção, mas saber as motivações que envolvem seus usos. O espelho enquanto objeto modifica a maneira como pessoas se vêem à medida que transformam seus comportamentos, costumes e hábitos no decorrer do tempo. Para esses moradores de rua em especial, o espelho é reflexo dos comportamentos existentes, assim desempenha um papel relevante dentro dos cenários que eles ocupam.

Esse espelho a gente encontrou no lixo e trouxe pra cá, as meninas é que adoram, são muito vaidosas. É um objeto que a gente trouxe pra cá porque tudinho aqui gosta de se olhar e ver se está limpo. (Personagem B, grupo 2).

Nesse sentido, buscou-se entender o fluxo e a permanência desses elementos em espaços abertos através das justificativas de representações sógnicas emanadas pelos objetos e mobílias que envolvem o interior de uma casa. A maneira de ser obter esses materiais, geralmente, por meio de coletas realizadas na rua não limita a criatividade com que esses elementos são utilizados. Não cabe aqui romantizar a pobreza ou omiti-la, mas, entende-la como fator determinante na lógica que compõe esses espaços.

Foi possível construir um olhar mais sensível para a realidade apresentada entendendo que objetos e mobílias ocupam uma posição simbólica muito importante nesses cenários. Eles se comunicam com os desejos mais intrínsecos, com vínculos e afetos de cada indivíduo.

[...]É muito bom a gente ter essas coisas aqui [...], responde o indivíduo do grupo 2. Nós deixamos esse lugar do nosso jeito, tem nossas marcas. Você pode observar tudo aqui tem uma história e faz a gente se sentir mais seguro. Aqui a gente tem o nosso espaço de comer, de se deitar, de se arrumar (ele ri) e assim a gente vai levando. (Personagem C, grupo 2).

Percebe-se, que constantemente derivam-se numerosas comunicações entre objetos, mobílias e usuários a partir da representatividade particular estabelecida por cada indivíduo. Dessa forma, a partir do espaço e da relação concebida por esses elementos é possível reinventar de maneira criativa (sem desconsiderar a complexidade de outros fatores como: necessidades envolvidas e aspectos emocionais) as linguagens existentes no contexto urbano e nas novas composições de moradia.

Partindo da análise espacial estabelecida, verifica-se a segmentação de espaços através da setorização utilizada por esses moradores que de forma inconsciente ou não, transforma e ressignifica os espaços através de mobílias e objetos.

### **3.1 SEGMENTOS E ESPACIALIDADES SIMBÓLICAS (BARREIRAS INVIÍVEIS)**

Ao refletirmos sobre novos espaços e principalmente sobre as novas composições de moradia quase que imediatamente retomamos (devido ao relevo acadêmico) as formas e a tridimensionalidade existente. A flexibilidade encontrada na rua não elimina, no entanto, o desejo de especializar e impor limites a esses lugares.

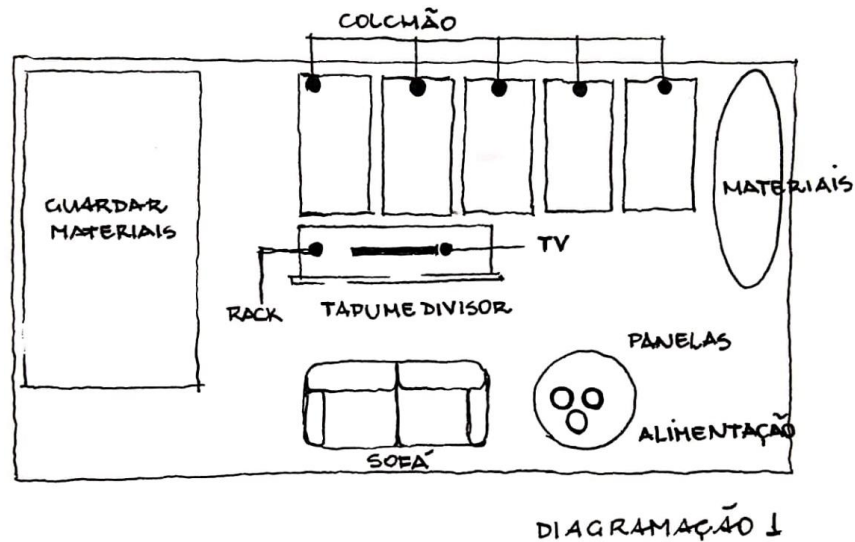
A rua vem sugerir novas adaptações no modo de morar a partir da ocupação dos seus indivíduos, portanto possibilita uma análise espacial que influi em um sistema de dimensionamento sensorial, temporal e simbólico e não simplesmente em um sistema métrico preestabelecido. Logo, elementos se reestruturam a partir de uma organização visual do conteúdo desenvolvido, no caso do design o produto trabalhado encontra-se na ambiência e no uso de elementos que constituem e integram lugares entendendo-os a partir da sua composição e influência que determina sua produção.

O mobiliário, portanto vem ser um componente que remonta essas ambiências por meio dos seus usuários, agregando função, trazendo notoriedade e criando significações que permitem que pessoas preencham e transformem lugares a partir dos seus desejos mais intrínsecos. Ao mesmo ponto que agrega função o mobiliário permite a construção de um campo visual que delimita os espaços, mesmo em locais abertos, pois agrega valor e estrutura novos cenários através das experiências dos seus integrantes.

Assim, entendendo a lógica do espaço e o comportamento humano que integra ao mesmo tempo em que gera limites através dos elementos utilizados, partiremos para uma análise funcional dos dois grupos a fim de identificarmos as setorizações que são estabelecidas a partir dos seus seguimentos de contorno do espaço.

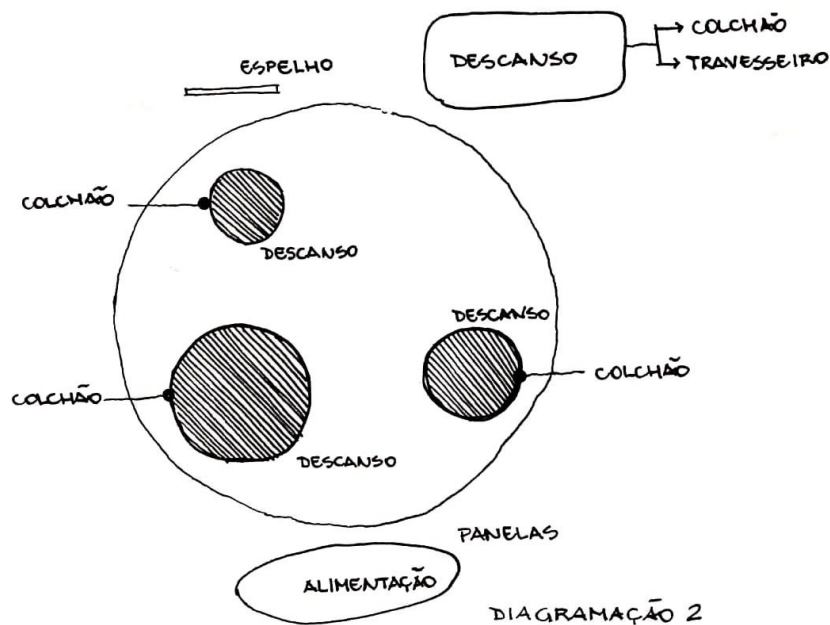
Partiremos então para análise do grupo 1 localizado na Avenida Comendador Leão no bairro do Poço (conforme figura 09) e do grupo 2 localizado na Praça Gonçalves Ledo- Farol (conforme figura 10).

Figura 09- Setorização do espaço ocupado pelo grupo 1. Estratégias do uso do mobiliário no espaço.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 10- Setorização do espaço ocupado pelo grupo 2. Estratégias do uso do mobiliário no espaço.



Fonte: Autora, 2019.

É possível perceber que mesmo em um espaço aberto os locais apresentam setores em sua composição. Aqui entendemos a partir das análises as áreas estabelecidas por esses moradores de rua. Os espaços são determinados por setores que denotam uma análise projetual de composição e espacialização de lugares. Aqui,

o espaço tenciona limites através dos recursos que a ele são agregados, é possível entender pela existência desses setores áreas destinadas à acomodação de materiais, áreas para descanso, áreas de alimentação e repouso.

É perceptível a existência de uma estrutura bem definida onde o espaço através de sua amplitude consegue ser delineado por seus integrantes e pelos elementos que a ele são acrescentados. Independente do espaço- seja ele aberto (sem bloqueios de paredes e alicerces) ou não- os ambientes refletem as particularidades dos seus indivíduos quando objetos e mobílias passam a caracteriza-los, pois eles são representativos e possuem signos identitários.

A ausência de paredes não elimina esses arranjos espaciais que são de toda ordem e alcançam o imaginário a partir das suas expressões subjetivas. Para Ludmila Brandão (2002, p. 66):

Parece que a construção de uma casa, se por um lado exige muito menos do que se imagina do ponto de vista material e até econômico, por outro lado se complexifica, do ponto de vista da construção desse ser de sensação. (BRANDÃO, 2002, p. 66).

Quando nos referimos aqui sobre produção do espaço lançamos o olhar para as determinações aplicadas no cenário urbano. Compreende-se que esse espaço é inacabado e está continuamente sendo produzido. Uma casa não se limita, portanto, à construção de paredes, mas de um complexo sistema de signos que tornam a casa uma estrutura de expressão. Assim, é possível construir através dessa perspectiva uma conceituação de casa a céu aberto, através de limites intangíveis com delimitação por parte de seus objetos e mobílias que trazem a essência do “estar em casa”.

Para tanto é necessário se abrir a novas possibilidades e ideias a fim de conseguir novas diagramações dos objetos já vistos, tratando-os aqui a partir de uma nova curiosidade, através de seus usos e aplicações.

Na figura 11 é possível verificar a presença de um rack que serve de apoio para objetos e TV. Nela encontram-se estratégias utilizadas pelos moradores de rua a fim de reintegrar atividades que promovam o relaxamento e o descanso.

Equiparada a uma sala ou espaço de atividades, o ambiente envolve um conjunto de reflexos, gostos e expressões dos seus indivíduos para atender as necessidades a partir da integração e do convívio.

Figura 11- Rack utilizado para apoio de materiais e TV. Espaço ocupado pelo grupo 1. Estratégias do uso do mobiliário no espaço.



**Fonte:** Autora, 2017.

Quando analisamos o espaço a partir das necessidades de seus usuários, nos deparamos com as inúmeras realidades que são vivenciadas dentro do contexto urbano. De maneira criativa os espaços ganham personalidade a partir das mãos dos seus moradores que imprimem originalidade através de arranjos por meio de itens e objetos presentes nos espaços, conforme figura 12.

Figura 12- Trabalho realizado por um dos personagens do grupo 1. Elemento feito pelos próprios moradores.



**Fonte:** Autora, 2017.

Figura 13- Utilização de carrinho de compras para recolhimento de materiais recicláveis encontrados na rua.



**Fonte:** Autora, 2017.

Além disso, é possível observar na figura 13 um carrinho de compras utilizado para a coleta de materiais recicláveis encontrados na rua, assim os moradores atribuem novas funções e adaptam materiais conforme suas necessidades.

Muitos dos espaços são constituídos a partir do improviso, na figura 14, por exemplo, é possível verificar a composição de um setor destinado para o preparo de alimentos, trazendo significações que se relacionam entre si com a casa. Assim, percebe-se que os signos envolvidos intensificam as conceituações sobre a moradia, principalmente quando é possível correlacionar os elementos presentes nessas composições com aqueles habitualmente utilizados dentro de casa. Assim, a figura abaixo apresenta a improvisação de uma estrutura que cumpre a função de fogão.

Figura 14- Fogão improvisado pelos moradores do grupo 2 para preparo de suas refeições.



**Fonte:** Autora, 2017.

É possível perceber nas figuras 15, 16 e 17 a utilização de elementos estratégicos para a composição de camas. Além de função material tangível, os colchões dão forma a um conteúdo baseado nas expressões, gostos e afetos desses indivíduos. As linguagens encontradas no local partem sobretudo do interesse de fazer emergir através das formas a capacidade de reagir a diferentes cenários dando outras significações aos elementos que por ele são apresentados.

Figura 15- Espaço de descanso ocupado pelo grupo 2. Apropriação do banco da praça através da utilização de elementos estratégicos para composição da cama. Estratégias do uso do mobiliário no espaço.



**Fonte:** Autora, 2017.



Figura 16- Colchão utilizado pelos moradores do grupo 2. Estratégias do uso do mobiliário no espaço.



**Fonte:** Autora, 2017.

Figura 17- Colchão utilizado pelos moradores do grupo 2. Estratégias do uso do mobiliário no espaço.



**Fonte:** Autora, 2017.

Dessa forma o espaço passa a ser construído de maneira intuitiva e os moradores acabam por ser a extensão dos espaços que habitam. A partir dessas extensões os espaços ganham novos contornos e novas aplicações de uso conforme figura 18.

Figura 18- Materiais de uso dos moradores do grupo 2. Área de alimentação e estoque de recursos.



Fonte: Autora, 2017.

A forma como os dois grupos se apropriam do espaço e transportam significados a partir dos elementos que envolvem o seu entorno diz muito sobre as experiências vivenciadas sobre o contexto de moradia. Não se trata de uma abordagem que analisa a casa em seu sentido mais habitual, mas de uma reflexão do cotidiano, da vida que preenche, dos elementos para além da função física, da linguagem que movimenta o emocional.

É imprescindível entender o espaço a partir um conjunto de necessidades e experiências que se configuram a partir de sua produção. Assim, é possível considerar o pensamento de Lefebvre a partir da teoria fenomenológica de produção do espaço que entende a prática social como totalidade e não apenas como parcialidade. Introduz a partir de seu discurso um conjunto de conceitos: “o percebido”, “o concebido” e “o vivido” do qual trataremos adiante.

Segundo Christian Schmid (2012, p.14) baseado nos pensamentos de Lefebvre acerca da tríade dialética do homem pelo espaço percebido, concebido e vivido:

**Espaço percebido:** o espaço tem um aspecto perceptível que pode ser apreendido por meio dos sentidos. Essa percepção constitui um componente integral de toda prática social. Ela compreende tudo que se apresenta aos sentidos; não somente a visão, mas a audição, o olfato, o tato e o paladar. Esse aspecto sensualmente perceptivo do espaço relaciona-se diretamente com a materialidade dos “elementos” que constituem o “espaço”.

**Espaço concebido:** o espaço não pode ser percebido enquanto tal sem ter sido concebido previamente em pensamento. A junção de elementos para formar um “todo” que é então considerado ou designado como espaço presume um ato de pensamento que é ligado à produção do conhecimento.

**Espaço vivido:** a terceira dimensão da produção do espaço é a experiência vivida do espaço. Essa dimensão significa o mundo assim como ele é experimentado pelos seres humanos na prática de sua vida cotidiana. (LEFEBVRE, apud SCHMID, 2012, p.14).

Assim, nenhuma dessas dimensões deve ser imaginada de maneira separada, pelo contrário, devem ser entendidas como indissociáveis para que assim seja possível considerar a produção do espaço.

Quando aplicada à produção do espaço, esta abordagem fenomenológica conduz às seguintes conclusões: um espaço social inclui não somente a materialidade concreta, mas um conceito pensado e sentido - uma "experiência". A materialidade em si mesma ou a prática material de per si não possui existência quando vista a partir de uma perspectiva social sem o pensamento que os expressa e representa e sem o elemento da experiência vivida, os sentimentos que são investidos nesta materialidade. (SCHMID, 2012, p.14)

Cabe aqui a análise de que o espaço só ganha relevância quando as interações sociais o dão sentido. O espaço está constantemente sendo produzido por seus indivíduos através do pensamento, das ações e de suas experiências. É necessário como mencionado por Schmid (2012, p.14) "um pensamento que expresse" que dê sentido às novas formas, que transcenda assim novas espacialidades.

### **3.2 FRAGMENTOS VISUAIS- ABORDAGEM DO CONTÉUDO IMAGÉTICO NO ESPAÇO HABITADO**

Para entender a composição visual dos espaços ocupados, através das expressões e interesses utilizados por seus integrantes é necessário isolar os elementos que constituem o conteúdo visual como forma de melhor compreender o todo. O modo como vemos e percebemos um local está estritamente ligado à maneira como reagimos aos movimentos, aos contrastes e as nuances apresentadas. A partir dos espaços manifestamos comunicações através dos sentidos e assim, exploramos as linguagens emitidas pelo ambiente. Aqui a linguagem visual é de extrema importância, pois caracteriza as análises estabelecidas antes, durante e depois da pesquisa através da sua composição.

Entender essas linguagens mesmo que de maneira sutil é explorar através de elementos básicos a essência da produção visual, que comunica, agrega e traz sentido a novas estruturações espaciais que estão sendo lançadas. Assim, o ser

humano constrói diversos sistemas para se comunicar, utilizando a sensibilidade dos sentidos e transformando isso em linguagem.

Em linhas gerais, as novas diagramações estabelecidas na rua refletem uma dinâmica que conduz o olhar de quem observa para os elementos que concebem o espaço, mesmo que de maneira não intencionada pelas práticas projetuais.

Entendendo o grande campo que permeia esses elementos e sua constituição, trataremos aqui de decompor as formas para essa análise visual. Observando que a produção visual se apropria de vários elementos, separamos os que mais demarcam os dois espaços estudados, considerando aqui a análise da observadora.

Foi definido aqui 4 pontos (ritmo, harmonia, contraste e simetria) a fim de compreender as disposições através dos critérios que melhor se aplicam aos cenários estudados.

Partiremos então da análise do espaço ocupado pelos dois grupos, equiparando elementos que se apresentam nos dois espaços (figura 19 e 20).

Figura 19- Análise dos materiais dispostos no espaço ocupado pelo grupo 1.



Fonte: Autora, 2017.

Figura 20- Análise dos materiais dispostos no espaço ocupado pelo grupo 2.



Fonte: Autora, 2017.

Algumas características foram importantes para compreender o espaço em sua totalidade, considerando que mobílias e objetos são partes relevantes nessas ponderações. Desse modo, partiremos para o primeiro elemento, o ritmo. Em seguida serão explorados os demais itens.

Para entendermos como o espaço se comporta é preciso trazer à tona expressões e características de seus usuários a fim de direcionar o olhar de quem observa ao conteúdo visual apresentado. Muitas são as linguagens emitidas, por isso a necessidade de desfragmentar esses elementos para a compreensão dos locais habitados.

Na comunicação visual, as composições podem dar força à percepção em determinada direção fazendo com que os olhos discorram através de um movimento e a visão seja manipulada pelos lugares através de suas formas. O ritmo influi nessas análises pois cria dinamismo entre os espaços sendo explorado através de suas continuidades e rupturas. O ritmo pode ser entendido como a distribuição desses movimentos através de uma repetição de linhas, cores, texturas, formas e objetos.

O ambiente está continuamente sendo criado e espaços acabam por ser extensão de seus usuários. Como citado por Dondis (2003, p. 6) “A experiência visual humana é fundamental no aprendizado para que possamos compreender o meio ambiente e reagir a ele”. Assim, quando se cria uma nota visual o seu significado não está

presente somente nas disposições utilizadas, mas, do material corpóreo expressivo, capaz de interpretar e formatar cenários de acordo com critérios subjetivos a partir de uma compilação mental entre seus signos e significados.

Essas referências ficam evidentes quando analisamos o primeiro grupo. O espaço apresenta seguimentos contínuos entre linhas e formas a partir da disposição de seus objetos. Conduz o olhar para as derivações entre pontos de ligação e repetições que influem na sequência da mensagem visual transmitida. Encontram-se esses elementos nos colchões enfileirados no chão, nas cores dispostas nas fachadas entre amarelo e preto que se desenvolve pelas linhas horizontais, conforme figura 21 e 22. Assim, o espaço ganha diferentes movimentos a partir desses trajetos e se deriva por uma relação direta e mais fluida.

Figura 21- Croqui representando elemento rítmico na composição de colchões e estruturas na parede. Espaço ocupado pelo grupo 1.



Fonte: Autora, 2019.

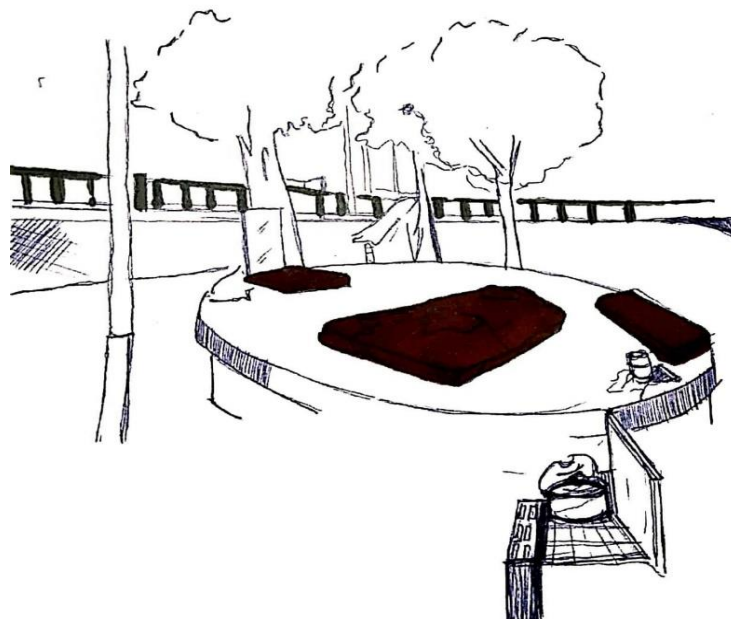
Figura 22- Croqui representando elemento rítmico na composição das portas. Espaço ocupado pelo grupo 1.



Fonte: Autora, 2019.

Em contrapartida, ao observarmos o espaço ocupado pelo segundo grupo, os elementos apesar das suas subdivisões nos convidam a um olhar mais desordenado a partir da utilização dos objetos e materiais presentes, conforme figura 23.

Figura 23- Croqui representando elemento rítmico na composição do guarda corpo. Espaço ocupado pelo grupo 2.



Fonte: Autora, 2019.

Ao analisarmos o elemento rítmico desse decurso perceberemos a grande quantidade de informações que por ele são emitidas pois, existe um conteúdo visual que briga entre si através de suas cores, distribuições e materiais dificultando o relacionamento entre os seus elementos. Foi possível perceber a influência desses arranjos na fala, na personalidade e comportamentos desses moradores entendendo que essas disposições influenciam direta e indiretamente os espaços de moradia.

No espaço 1 apresentado pelos moradores de rua do bairro do Poço verificou-se a presença contrastante do uso do sofá, conforme figura 24.

Figura 24- Croqui representando elemento rítmico na composição do guarda corpo. Espaço ocupado pelo grupo 2.



Fonte: Autora, 2019.

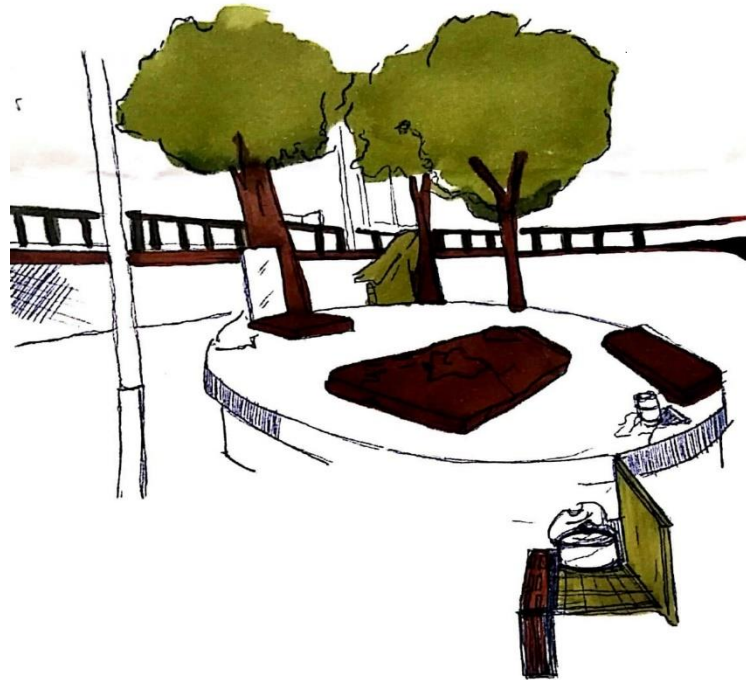
A visão pôde ser atraída mais facilmente para o material pelos seus elementos de cor e textura que contrastou diretamente com os outros materiais presentes no espaço, influenciando na maneira dos locais de uso serem percebidos por outras pessoas. Porém quando partimos para a análise do grupo 2 os elementos presentes no local sugeriram um mesmo peso visual a partir dos contornos mais regulares.

Embora não devamos limitar o contraste apenas à cor, o ambiente demonstrou um balanço mais neutro em relação ao outro grupo pelos recursos e elementos



visuais. A utilização desses elementos provoca efeitos completamente distintos para quem observa e vivencia esses cenários, conforme figura 25.

Figura 25- Croqui representando ausência de elemento contrastantes no espaço ocupado pelo grupo 2.



Fonte: Autora, 2019.

Através de uma comparação entre os dois espaços foi possível analisar a aplicação de um outro elemento “a simetria”. Observar se um elemento é simétrico ou não, diz respeito ao equilíbrio visual apresentado pelos diferentes cenários. Se por um lado o design simétrico sugere estabilidade e equilíbrio por outro, a assimetria mostra as desigualdades entre as formas. A união desses elementos e a forma como eles se relacionam entre si tornam o ambiente mais agradável, deixando o espaço com uma atmosfera mais harmônica.

Assim, foi possível observar que tanto o ambiente ocupado pelo grupo 1 quanto pelo grupo 2 apresentavam a partir da análise visual um desequilíbrio por parte dos materiais de sua composição, a presença de pesos diferentes influenciou diretamente na maneira de “sentir” o local. A presença de vários elementos com estruturas visuais e pesos divergentes trouxe uma inquietude, tornando o espaço mais conflituoso para quem o observa. Esses 4 elementos favorecem a compreensão das mensagens

visuais que contemplam espaços à medida que reforçam as conexões existentes entre usuário, espaço e forma.

O intuito dessa análise está em caracterizar o conteúdo trabalhado a fim de compreender as comunicações estabelecidas entre pessoas e lugares. Não existe um fator que isole as características presentes nos espaços (sejam eles em locais abertos ou fechados). Os espaços comunicam! Não se trata apenas das análises visuais que conduzem o que entendemos por estética, na relação entre o belo, o feio e a maneira como isso é aplicado ao espaço, mas sobre os reflexos e inquietações que são traduzidas ao espaço pela interpretação e vivência dos seus integrantes.

Assim, a maneira de “expressar a forma” através de seus elementos torna o espaço um ser de dimensão subjetiva inerente a novas espacializações, ampliando assim o olhar para o que interpretamos e determinamos como moradia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises obtidas através dessa pesquisa contribuíram no desenvolvimento de conhecimento para a área de estudo a partir de novas reflexões sobre o espaço. As noções de moradia estão sendo norteadas por um amplo discurso social, por isso é necessário desconstruir algumas das análises impostas para entender a casa não apenas sob um aspecto material, mas vivenciá-la através do seu conteúdo expressivo que discorre sobre as experiências dos seus usuários. Os estigmas gerados pela condição de pessoas que vivenciam os cenários de rua estendem seus reflexos no próprio indivíduo e também nos espaços que eles ocupam. Assim, essas análises permitiram à produção de conceitos voltados à moradia de forma a entender a rua como desdobramento para essa produção do espaço.

A organização de arranjos, o reuso de materiais, as adaptações e utilizações de mobílias e objetos aproximam a área de Design de Interiores a estes novos debates. Desse modo, entender as variáveis que podem impactar esse cenário social pode ser útil para o desenvolvimento de práticas sistêmicas que conduzam de maneira mais sensível o olhar humano, compreendendo que a moradia está intrinsecamente ligada aos seus usos e é através dessas referências sógnicas que espaços estão sendo (re) construídos a partir da utilização de mobílias e objetos.

## REFERÊNCIA

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. In:\_\_\_\_\_. Os pensadores XXXVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BARROS, Alice de Almeida. **Hábitos no habitar. Hábitos de morar e a criação do espaço arquitetônico**. *Drops*, São Paulo. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/12.057/4386>>. Acesso em: 07 fev. 2019.

BARROS, Bianca Bernardo. **A Fábrica de Peles**. 2008. 99f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade do estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

BOTTON, Alain de. **A arquitetura da felicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. **Sobre se sentir em casa**. Diário de Pernambuco, Pernambuco. Disponível em: <<http://www.cesarea.com.br/?s=sobre+se+sentir+em+casa>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos**. São Paulo: Perspectiva; Cuiabá: Secretaria de Estado de Cultura do Mato Grosso, 2002

BRASIL Lei nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. **Código Civil Brasileiro**. Legislação Federal. sítio eletrônico internet - [planalto.gov.br](http://planalto.gov.br)

DELUEZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa (Coleção TRANS). Rio de Janeiro: Ed. 34, v. 1,1995.

DELUEZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, v. 5, 1997.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ECO, Umberto. **O signo**. Lisboa: Presença, 1977.

FUGANTI, Luiz. **Agenciamento**. Disponível em: <<http://escolanomade.org/2016/02/24agenciamento/>>. Acesso em: 03 mar. 2019.

HAESBAERT. R. **Dos Múltiplos Territórios à Multi territorialidade**. Porto Alegre, 2004.

HEIDEGGER, M. **Bauen Wohnen Denken**. In: Gesamtausgabe. I. *Abteilung*: Veröffentlichte Schriften 1910-1976. Band 7. Vorträge und Aufsätze. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2000.

LIRA, Elza Maria Rabelo. **Por uma significação de moradia: um estudo de caso em Maceió- AL.** Alagoas, 2009.

LUDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

NETTO, J.Teixeira Coelho. **Semiótica, informação e comunicação.** São Paulo: Editora Perspectiva S.A. 1983.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica,** São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 4 ed. 2010.

PORANGABA, Alexsandro Tenório; TOLEDO, Alexadre Márcio. **NENHUMA CADEIRA É TÃO CONFORTÁVEL QUANTO A MINHA: Reflexões sobre o conforto do mobiliário.** Disponível em:<<https://www.usp.br/nutau/semnutal2010/metodologias/porangabaalwxsandrotenorio.pdf>>

SALDANHA, M.T.; KLAUTAU, P. **Habitar, construir e confiar: articulações entre Heidegger e Winnicott,** Rio de Janeiro, v. 38, n. 35, p. 143-159, jul./dez. 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** 25 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

SCHMID,C. **A PRODUÇÃO DO ESPAÇO DE HENRI LEFEBVRE: EM DIREÇÃO A UMA DIALÉTICA TRIDIMENSIONAL.** GEOUSP- espaço e tempo. p.89-109, 2012.

SILVEIRA, MFA., and SANTOS JUNIOR, HPOS.,orgs. **Residências terapêuticas: pesquisa e prática nos processos de desinstitucionalização** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

SOUZA, Sérgio Iglesias Nunes. **Direito à moradia e de habitação. Análise comparativa e suas implicações teóricas e práticas com os direitos da personalidade.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2004.

TEIXEIRA, Glauco. H. **Interiores Residenciais Contemporâneos: Transformações na atuação dos profissionais em Belo Horizonte.** Belo Horizonte: UFMG, 2011. 143 f. Tese (Mestrado em design) – Programa de pós-graduação em Design, Universidade do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Trad. Livia de oliveira. DIFEL: São Paulo, Rio de Janeiro, 1980.

YIN, R.K. **Estudo de caso, planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2011.